

A FUNÇÃO HUMANIZADORA DA LITERATURA E OS DIREITOS HUMANOS NA SALA DE AULA.

¹ Milena Araújo Marães (UFAM)

² Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM)

RESUMO: O artigo intitulado *A função humanizadora da Literatura e os Direitos Humanos na sala de aula* apresenta a função humanizadora como o principal fator de ensino da Literatura à criança/adolescente, pois é a partir do processo de formação da criança, que já se deve abordar assuntos relacionado à sociedade, que produzam uma reflexão crítica sobre a sociedade em que vivem, construindo conhecimentos para o exercício da cidadania. É dever da família, porém é dever também da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar a efetivação de vários direitos à criança. Sendo assim, o professor compõe a comunidade e a sociedade em geral, é um dever que cabe a ele (a nós) assegurar a efetivação desses direitos, usando a Literatura como ferramenta para isso. Então, entra o papel do professor, podendo efetivar não só procurando órgãos públicos e inscrevendo a criança em programas sociais etc., mas usando suas aulas como ferramenta de aprendizado sobre quais são direitos e deveres de seus alunos na sociedade. Ele (nós) é a ponte que leva o conhecimento. A proposta é de inclusão da Literatura nessa bagagem, não para um passatempo, mas florescendo a capacidade crítica por meio da leitura, formando um leitor/ser humano capaz de ser um cidadão que age com sabedoria e competência na sociedade, usufruindo da função humanizadora com senso crítico, político, social e psicológico.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Função Humanizadora, Professor, Formação, Criança.

ABSTRACT: The article entitled *the humanizing function of literature and human rights* presents the humanizing function as the main factor of literature teaching to child/adolescent, because, since the child formation process, it is necessary to adress issues related to the society, that produce a critical reflection concerning that society they live in, building knowledge to the exercise of citizenship. It is the duty of family, nevertheless, It is also the duty of community, the society in general and the public power to ensure the realization of several rights to the child. Therefore, the teacher composes the community and the society in general, It is a duty of this professional (and us) to ensure the realization of these rights, using literature as a tool. So, comes the role of the teacher, being able to effect not only looking for public agencies and enroll the child in social programs etc, but using their classes as a learning tool about the rights and duties of their students in society. The teacher (us) is the bridge that leads the knowledge. The proposal is for inclusion of literature, not only as a hobby, but flourish the critical capability through the reading, forming a reader/human capable of being a citizen who acts wisely and competently in the society, using the humanizing function as critical, political, social and psychological sense.

KEYWORDS: Literature; Humanizing Function; Teacher; Formation; Child.

1. PALAVRAS INICIAIS

A escolha deste tema resultou da observação de o quanto a literatura tem sido menosprezada no ensino fundamental e no ensino médio, tratada apenas como decoreba sobre

¹ Graduanda do Curso de Letras- Língua e Literatura portuguesa na Universidade Federal do Amazonas.

² Professora Dra^a de Literatura em Língua Portuguesa do Curso de Letras e do Programa de Pós- Graduação em Letras (UFAM).

autores, datas e estilos literários para fazer uma prova de vestibular. No entanto, na graduação em Letras – Língua Portuguesa, na formação de professores, as orientações conduzem os alunos a refletirem sobre determinado assunto, a relacionar a literatura com o seu mundo exterior e a investigá-la como reflexão da sociedade; é orientado aos alunos, como futuros professores de língua portuguesa, que a Literatura é uma necessidade no ensino básico. Em contrapartida, estes quando formado professores, ou professores formados em outras épocas, não aplicam esse conjunto de orientações na sua vivência diária em sala de aula.

Destacamos que é possível conduzir a criança e o adolescente do ensino fundamental a uma reflexão de que a literatura é o espelho do mundo que o rodeia. Tomando como base essa reflexão, é possível ensiná-la, por meio da leitura de textos literários, sobre qual seu papel na sociedade e seus direitos como cidadãos civis. Tudo isso se dá pela existência da Função Humanizadora da Literatura que permite que, pela Literatura, seja possível perceber o real, que atua diretamente no homem de forma social, psicológica e, portanto, formadora.

Candido afirma: “A Literatura é um bem incompreensível, que em espécie de objeto construído tem um grande poder humanizador capaz de ordenar nossa própria mente” (CANDIDO, 1988, p.177), ou seja, a Literatura, em sua Função Humanizadora, exerce o papel de formação sobre qualquer um, iniciando pelo seu psicológico, visto que é na mente que são construídos opiniões, argumentos e até mesmo que se adota ideologias.

Em consonância com a leitura de Antonio Candido, encontramos a proposta de Edgar Morin o qual argumenta que o conhecimento pertinente deve afrontar a complexidade, sendo essa complexidade constituída por um todo, e esse todo envolve as várias esferas do ser humano:

O conhecimento pertinente deve afrontar a complexidade. *Complexus* significa o que é tecido em conjunto, com efeito, existe complexidade desde que sejam inseparáveis os elementos diferentes constituindo um todo (como econômico, o político, o sociólogo, o psicológico, o afetivo, o mitológico) (MORIN, 1987, p. 42).

O homem, desde a sua infância, é um ser complexo, engloba vários aspectos em si, logo, o conhecimento afronta essa complexidade, esses vários aspectos. É justamente o que faz a Literatura, ela confronta o indivíduo nas suas esferas social e psicológica, conduzindo-o a uma reflexão sobre o meio que este vive, suscitando várias indagações e até mesmo sua postura diante das diversas situações.

Por isso, a Literatura não é apenas uma matéria dentro da Língua Portuguesa que só explana autores, datas e estilos literários, ela forma o indivíduo e o confronta no seu

complexo, sendo a criança/adolescente esse indivíduo, visto que esses são capazes de assimilar e entender que essa fase da sua vida é o começo do seu processo de formação; tendo o professor consciência disso, ele se torna a ponte que leva o conhecimento e auxilia na formação como um cidadão na sociedade.

Baseados nesses conceitos e reflexões, foi elaborado um projeto de intervenção em sala de aula para confirmar a teoria proposta, selecionamos três contos literários que são: “*Uma vela para Dario*” e “*Uma clínica de repouso*” de Dalton Trevisan e o conto machadiano “*Pai contra mãe*”, elaboramos perguntas para debate e escrita que encaminhasse o aluno a relacionar o texto literário com sua realidade por uma percepção crítica e reflexiva. A intervenção foi realizada em uma turma de 6^a série na Escola Vicente Schetini.

2. LITERATURA COMO INSTRUMENTO HUMANIZADOR X HISTÓRIA DA LITERATURA

Desde a década de 1970, o ensino de literatura tem sido praticado de maneira metódica, organizada e focada apenas em estilos de época, movimentos literários e a divisão dos períodos literários, como afirma Cereja: “Nota-se primeiramente a ênfase na visão panorâmica da literatura, enfocando-se em cânones da tradição literária”. (2005, p.97).

Esse modelo do passado sobre o ensino de literatura, que ainda vigora na prática de alguns docentes, não instiga o aluno a ler os textos literários de cada época e levá-los a uma reflexão sobre o porquê o autor de certo período literário escreveu aquela obra, ou ao menos tentar entender o que ele pretendia abordar por intermédio do texto literário no momento histórico em que vivia, visto que todo texto literário tem relação com seu contexto histórico, ou associar o texto escrito no passado com o atual momento histórico que a sociedade vive, ou conduzir o aluno a colocar-se no lugar da personagem que sofre um preconceito racial ou escravidão.

Essa alternativa de ensino vivo da literatura, infelizmente, ainda não acontece nas aulas de literaturas de hoje, pois há quem insista em aulas meramente expositivas, que não dão lugar ao aluno para se posicionar criticamente ou a defender sua ideia; alguns insistem em expor slides para simplesmente explicar o que é classicismo, quinhentismo, barroco etc., em qual momento histórico surgiu essa escola literária, quais são os autores, ou seja, são aulas de história da literatura, para as quais aplicam um exercício de fixação, geralmente aqueles propostos nos livros didáticos, que não incitam o senso crítico. Alguns desses exercícios (de professores, de vestibulares e de livros didáticos) apenas ativam a memória com perguntas como: “Quem são os

autores quinhetistas? Esse poema é de qual época literária ou de qual autor?”. Por isso muitos alunos creem que a aula de literatura (sempre) é chata, pois não os envolve.

Junto a esse argumento, vale destacar a pesquisa feita por William Roberto Cereja em escolas públicas e particulares. Foram distribuídos questionários, nos quais os alunos respondiam a respeito do ensino de literatura na sala de aula. Ao averiguar os resultados, Cereja concluiu que, em ambas, os alunos não tinham interesse algum pela literatura, por achá-la uma das aulas mais chatas da grade curricular do ano e que esta tem sido apenas uma matéria com aulas de memorizações de datas, nomes de autores, movimentos literários, características desses movimentos, período histórico em que acontecem esses movimentos. Era o que as professoras costumavam ministrar; ou seja, a base tem sido mais história da literatura do que o agir da função humanizadora da Literatura.

3. LITERATURA COMO FUNÇÃO HUMANIZADORA

Segundo a Base Nacional Curricular Comum afirma: “Concomitantemente ao processo de alfabetização, a literatura, as artes, as práticas corporais compõem o conjunto de linguagens imprescindíveis para a formação estética, sensível, ética, afetiva da criança.” (BRASIL, 2015, p. 32).

A literatura faz parte do conjunto de linguagens que não pode faltar na formação da criança assim como a roupa, a comida ou qualquer outra necessidade importante para a sobrevivência. Pois ela tem a capacidade de mexer com o psicológico, com as emoções e até com a formação de opiniões. Como exemplo, se pode citar que uma criança, ao ler uma narrativa fantástica, ela diz: “Se eu fosse a Branca de Neve faria isto ou se eu fosse Alice faria aquilo ou Por que a Fera da Bela e a Fera é tão má? Por que a madrasta da Cinderela fez isso com ela?”. De forma inconsciente, a leitura fomenta ao leitor infantil ou juvenil a tomar uma posição, a refletir sobre certa situação, como Nelly Novaes Coelho afirma: “É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência do mundo das crianças e dos jovens” (COELHO, 2000, p. 15).

Nas aulas de literatura, essa indução não acontece devido a alguns motivos, o que dificulta o papel formador, são eles: os manuais didáticos inseridos na escola é um modelo pronto, do qual o professor faz um CRLT+C e CRLT+V nas suas aulas, não exige do aluno reflexão alguma; outro ponto é os vestibulares por todo o Brasil, as questões não passam de uma aparência, sobre as quais Cereja (2005) afirma que servem só para saber se o aluno leu o livro indicado pela banca ou se ele sabe mesmo o nome do autor e características dos

movimentos literários. Isso até se torna uma pressão ao professor de Língua Portuguesa, pois a escola precisa obter um número elevado de aprovações no ensino superior.

Apesar das propostas da *Base Curricular* e dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, a realidade das aulas de literatura é drástica, pois não seguem o proposto. Os alunos saem do ensino fundamental e do médio sem as habilidades que os documentos oficiais garantem que a literatura traz.

4. DIREITOS HUMANOS NA LITERATURA

A escola é o lugar de formação do cidadão, logo, ao introduzir os Direitos Humanos na escola não é uma obrigação e sim um dever, pois o aluno precisa sair consciente que ele é um cidadão que tem seus deveres, mas possui seus direitos também, além de respeitar os direitos do próximo, como afirma Maria Victória Benevides:

Educação em Direitos Humanos é essencialmente a formação de uma cultura de respeito à dignidade humana através da promoção e da vivência dos valores da liberdade, da justiça, da igualdade, da solidariedade, da cooperação, da tolerância e da paz. (BENEVIDES, 2000, p.1).

Por isso propomos, neste artigo, promover, por meio da literatura, como os Direitos Humanos podem ser relacionados à situação que a personagem se encontra no livro, comparando a ficção à realidade em que este cidadão em formação vive, conduzindo-o a ponderar: Será que existe algum próximo que vive uma situação parecida com a do/da personagem que está tendo seu direito extraído? Será que existe alguma semelhança da ficção com o real?

O motivo de incluir os Direitos Humanos na Literatura é que, por intermédio do poder formador da Literatura, permitiremos ao aluno aprender a se posicionar nas aulas defendendo suas ideias, assim como as defenderá na sociedade.

5. DIREITOS HUMANOS NA SALA DE AULA

Com o material didático em mãos, fomos para a aplicação do projeto na sala de aula. O procedimento ocorreu da seguinte maneira: leitura dos contos, em seguida um debate e por fim a produção escrita da opinião crítica oral exposta no debate a respeito do conto relacionado com a realidade. Na parte do debate, as opiniões foram diversas, eles participaram e se posicionaram de forma crítica, dizendo o porquê concordavam ou não com a atitude do/da personagem, mas neste momento surgiram diversas questões emocionais e familiares, argumentaram que situação semelhante acontecia cotidianamente ou já havia acontecido em

sua família ou com alguém próximo. Outro ponto relevante, é que afirmaram que não reproduziriam a atitude de um personagem, ou seja, não faria igual, caso viesse acontecer uma situação parecida.

As respostas a seguir foram de alguns dentre vários alunos (a escrita informal dos alunos não foi alterada), após lermos o conto machadiano *Pai contra mãe* e discutir um pouco sobre a questão dos Direitos Humanos, com as seguintes questões:

Na Índia, um indiano de 36 anos torturou e assassinou o homem que acredita ter estuprado sua filha após convidá-la para um jantar, informou a rede CNN nesta terça-feira.

Já no conto pai contra mãe, vemos um pai que para arranjar dinheiro para dar comida ao filho, leva uma escrava grávida até o seu senhor e é espancada até abortar o bebê. Nos dois casos, pessoas tomam atitudes por pessoas que amam.

- 1) Se você estivesse na situação tanto do Cândido Neves quanto do indiano. O que faria? Comente sobre este assunto.

Resposta 1: *Eu deixaria viver, porque tem outras coisas para fazer do que pegar uma escrava e matá-la ou dar para o rei (dono), e eu poderia arranjar um jeito de trabalhar, de vender coisas, iria ser melhor do que dar a escrava por 100 mil ou 100 reais.*

Resposta 2: *Não mataria, pois, violência só gera violência, minha consciência ficaria pesada e matá-lo não traria meu familiar de volta.*

Resposta 3: *Eu não faria nada, eu ficaria com muito ódio, claro, mas se eu matasse essa pessoa estaria prejudicando a mim mesma, porque eu seria presa e não adiantaria nada, porque quem sofreu continuará com o trauma.*

Resposta 4: *Eu deixaria a escrava livre.*

Resposta 5: *Não, não mataria, porque todas as pessoas tem direito de viver, porque ele (Cândido Neves) não teve piedade da mulher grávida.*

- 2) Quais Direitos Humanos não estão presentes nessa obra?

Resposta 1: *O direito à vida, eu iria deixar ele (o bebê) sobreviver, eu iria deixar ele (o bebê) e ela (a escrava) viver. O filho dela poderia ter nascido, ficado grande e ela seria cuidada pelo filho dela etc [...].*

Resposta 2: *O direito à vida. A cor ou classe não diferencia ninguém, todo nós somos seres humanos, e todos tem o direito de viver.*

Resposta 3: *A escrava tinha o direito de sobreviver, principalmente porque ela é igual a todos, mesmo sendo negra. E ela ainda estava grávida, abortou o filho e isso é triste.*

Resposta 4: *A mulher não poderia morrer, porque ela estava esperando um filho. E não se pode matar ou bater em alguém que está com bebê ou simplesmente por ser uma mulher.*

Resposta 5: *Ela tinha o direito de viver, mas uma pessoa tirou o direito dela e do bebê viver.*

Resposta 6: *Não, não tem os direitos de igualdade de raça. E ela merecia viver porque todos têm direito a viver, e há uma segunda chance, e também porque ela (a escrava) era um ser humano como ele (Cândido Neves), e porque não existia os direitos humanos naquela época, ele não teve piedade dela, e ele matou. Ela tinha o direito de viver para criar o filho assim como ele também teria.*

Resposta 7: *Direito à vida, porque assim como todos os outros ela deveria ter o direito de ter o filho dela.*

Resposta 8: *Direito de viver, porque ela é uma pessoa como qualquer outra. Então, ela tinha o direito de viver.*

Resposta 9: *O da liberdade, de dar a liberdade para as pessoas viverem.*

Resposta 10: *O direito à liberdade. Ela tinha o direito do filho viver, sim, porque ela (a escrava) é a mãe, essa decisão deveria estar nas mãos dela.*

As respostas a seguir foram de alguns dentre vários alunos (a escrita informal dos alunos não foi alterada), após lermos o conto *Uma Vela Para Dario* de Dalton Trevisan e discutir um pouco sobre a questão dos Direitos Humanos, com a seguinte questão:



Fonte: <http://proffabianoqueiroz.blogspot.com.br/2012/09/tiras-da-mafalda.html>

Na charge, observamos que Mafalda indaga sua mãe para saber o porquê estamos no mundo, sua mãe responde que é para trabalhar, para nos amar e para fazer deste um mundo melhor. Ao lermos e observarmos o texto *Uma vela para Dario*, vemos que passaram duzentas pessoas por ali e não ajudaram Dario, roubaram as coisas dele e alguns só olharam o que estava acontecendo, essa multidão de duzentas pessoas se espalhou minutos e Dario ficou jogado no chão.

- 1) Se estamos no mundo para fazer dele um mundo melhor, por que as duzentas pessoas deixaram Dario jogado no chão, não o ajudaram? O que você diz sobre isto?

Resposta 1: *Por que nem todo mundo se importa com o próximo. E isso não é certo.*

Resposta 2: *Porque nem todas essas pessoas tem o coração um bom coração, eles não pensaram em ajudar, mas sim roubar ele.*

Resposta 3: *Porque tem pessoas que não tem amor ao próximo, e quando as pessoas percebem que tem alguém machucado ou precisa de ajuda, simplesmente ignoram e vão embora.*

Resposta 4: *São pessoas inconscientes, que não ligam para o próximo, tratam pessoas como se suas vidas não tivesse valor.*

Resposta 5: *Porque as pessoas foram muito egoístas, elas só roubaram Dario.*

Resposta 6: *Eu achei a atitude das pessoas muito errada, porque Dario estava morrendo e ninguém quis ajudar, só roubaram. Se ele fosse rico, todo mundo ia ajuda, pelo menos o menino quis ajudar só acendendo uma vela.*

Resposta 7: *Porque as pessoas só pensam em si mesmas, não querem ajudar uma simples pessoa na rua devido ao egoísmo e a falta de amor ao próximo.*

Resposta 8: *O verdadeiro bicho papão do mundo é a humanidade, eles deveriam ter ajudado, porque o tempo passa e o mundo não é mais o mesmo, a gente, nós, estamos praticamente virando os verdadeiros monstros do mundo. Isso já não está certo, não temos mais amor pelas pessoas.*

Resposta 9: *As duzentas pessoas foram egoístas e maldosas, porque ele estava passando mal e ninguém foi ajudar o cara. O menino teve compaixão pelo cara acendendo uma vela para ele.*

Resposta 10: *Porque tem muitas pessoas que não são boas e que não tem bom coração com os outros. Eu achei isso horrível, pois elas fizeram coisas erradas com Dario, pisotearam e roubaram ele, já o menino que deixou uma vela para Dario é o único que respeitou, e a única pessoa boa nessa história.*

Resposta 11: *Porque as pessoas muita das vezes só pensam em si mesmas, esquecem que muitas pessoas estão passando dificuldades, precisando de ajuda, mas com o egoísmo não ajudamos, e a atitude do menino de cor foi muito melhor do que a atitude dos outros que foram maldosos e não respeitaram Dario.*

Resposta 12: *A atitude das 200 pessoas não foi legal, porque nenhuma das 200 pessoas ajudou Dario. As pessoas passaram, só roubaram ele, e pisotearam, isso não se faz com alguém que estar morrendo ou com qualquer um que estivesse esticado no chão.*

Resposta 13: *Porque as pessoas foram egoístas, e mesmo naquela situação, essas pessoas não respeitaram a morte dele, foi uma crueldade. E nesse caso foi uma atitude muito feia.*

Resposta 14: *A Aatitude das pessoas foi muito cruel porque deveriam ter ajudado o Dario, mas a atitude do menino foi muito boa.*

É possível haver compreensão do posicionamento crítico desses alunos em defesa dos Direitos Humanos. E era este o objetivo desta pesquisa, que o aluno tomasse consciência dos Direitos Humanos por meio da Literatura, afinal, estes alunos poderiam defender a morte, visto que na primeira questão relacionada com o conto machadiano *Pai contra mãe*, em ambos os casos, as pessoas tomam atitudes por pessoas que amam, e a indagação envolveu o lado emocional da criança, porque instiga a se colocar no lugar destes: “e se fosse você” ? E se “fosse alguém que amasse” ? Pelo contrário, eles defenderam o Direito à vida. Igual pensamento poderia ter ocorrido após a leitura do conto *Uma Vela para Dario* de Dalton Trevisan, poderiam ter agumentado que deveria ter deixado Dario no chão ou sem ajuda ou ser como as duzentas pessoas que passaram por ali e não tomaram alguma atitude boa, apenas

o roubaram e o pisotearam, afinal, é uma pessoa que não é familiar. Nesse caso, não envolve o lado emocional, no entanto, criticaram a atitude das duzentas pessoas que não ajudaram Dario, a sociedade, que é cheia do egoísmo e sem amor ao próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo da pesquisa compôs-se de duas etapas, sendo a primeira de pesquisa bibliográfica e a segunda que foi realizada com a aplicação da leitura dos contos e perguntas nas aulas de literatura para os alunos de 6º ano do ensino fundamental.

A primeira etapa que se iniciou em agosto, foi possível constatar com as teorias lidas, além de analisadas e comprovadas na convivência escolar por intermédio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) algumas deficiências do ensino de literatura, que se resumem a estes: manual didático que é um material que não exige do aluno senso crítico, apenas lhe é dado uma série de exercícios a serem respondido com sim ou não e a indisponibilidade das bibliotecas nas escolas públicas. Outra situação foi o acompanhamento da organização de uma exposição literária em uma escola pública de Manaus, foi possível detectar a mudança de visão a respeito do mundo que o rodeia, após um período de leitura de uma obra literária, posto isso, a literatura é um bem indispensável, visto que ela está ligada a complexidade do ser humano, sendo capaz de envolver as emoções, refazer ou desfazer ideologias, como afirma Antonio Candido:

Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) Ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) Ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) Ela é uma forma de conhecimento, inclusive como corporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 2004, p.176).

E os professores de língua portuguesa não tem usado esse poder formador da literatura a seu favor nas suas aulas, apenas tem utilizado o manual didático como modelo de aula.

Com o término de leituras dos textos teóricos pesquisados no primeiro momento, foi reavaliado:

- I. Obras literárias a serem trabalhadas
- II. O meio que seria utilizado para comprovar que a literatura é um bem indispensável.

Partindo da reavaliação, foram analisados a Base Curricular Comum Nacional e os Parâmetros Curriculares de Ensino e relidos a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* e o *Estatuto da Criança e Adolescente*.

A segunda etapa iniciou em fevereiro de 2017, com a preparação do material didático. A aplicação da metodologia da leitura dos contos e as perguntas e leitura dos contos nas aulas de literatura dos alunos de 6º ano do ensino fundamental foi realizada em junho de 2017, alcançamos os resultados esperados e por fim podemos constatar que a função da literatura humaniza, constrói e desconstrói o ser humano, sendo essa construção psicológica, que envolvem ideias, argumentos, posicionamentos e ideologias, pois o ser humano é composto por várias esferas. Além disso, ele é um ser complexo, essa complexidade por ser atingida com a desconstrução de velhos conceitos, que eram cheios de atitudes que ferem os Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS

A LITERATURA INFANTIL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. Piauí, sem data.

Disponível em: www.editorarealize.com.br/trabalho_Comunicação_oral_indescrito.

Acesso: 12, fev., 2016.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata [recurso eletrônico]. – 9. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 207 p. – (Série legislação; n. 83).

CANDIDO, Antonio. Literatura Nacional: Teoria Literária e Crítica Literária. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004.

CARRARA, Kester et al. Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens. São Paulo: AVERCAMP, 2004.

CEREJA, William Roberto. Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Luciana Daniele. A importância da literatura na sala de aula.

Disponível em: literatura.uol.com.br/literatura/figuras_linguagem/37/artigo225090_1.asp.

Acesso: 12, fev., 2016

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Palais de Chaillot, Paris, dez, 1948

Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Declara%C3%A7%C3%A3o-Universal-dos-Direitos-Humanos/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.html>

Acesso: 17, mar., 2016

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Brasília: Série Legislação, nº83, maio, 2012. Disponível em:

http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf. Acesso: 18, mar., 2016

LAJOLO, Marisa. Literatura: Leitores e Leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

MORIN, Edgar. Os Sete Saberes para a Educação do Futuro. Rio Grande do Sul: Instituto Piaget, 1987-1999.

NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra. A Complexidade nos Estatutos do Homem Thiago de Mello. Disponível em: <http://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/4213/2/Tese%20-%20C3%A1ssia%20Maria%20Bezerra%20do%20Nascimento.pdf>
Acesso: 17, mar., 2016

PSICANÁLISE dos Contos de Fadas. A luta pelo sentido. Lisboa: Bertrand, 1991.

APÊNDICE

Aluno (a): _____

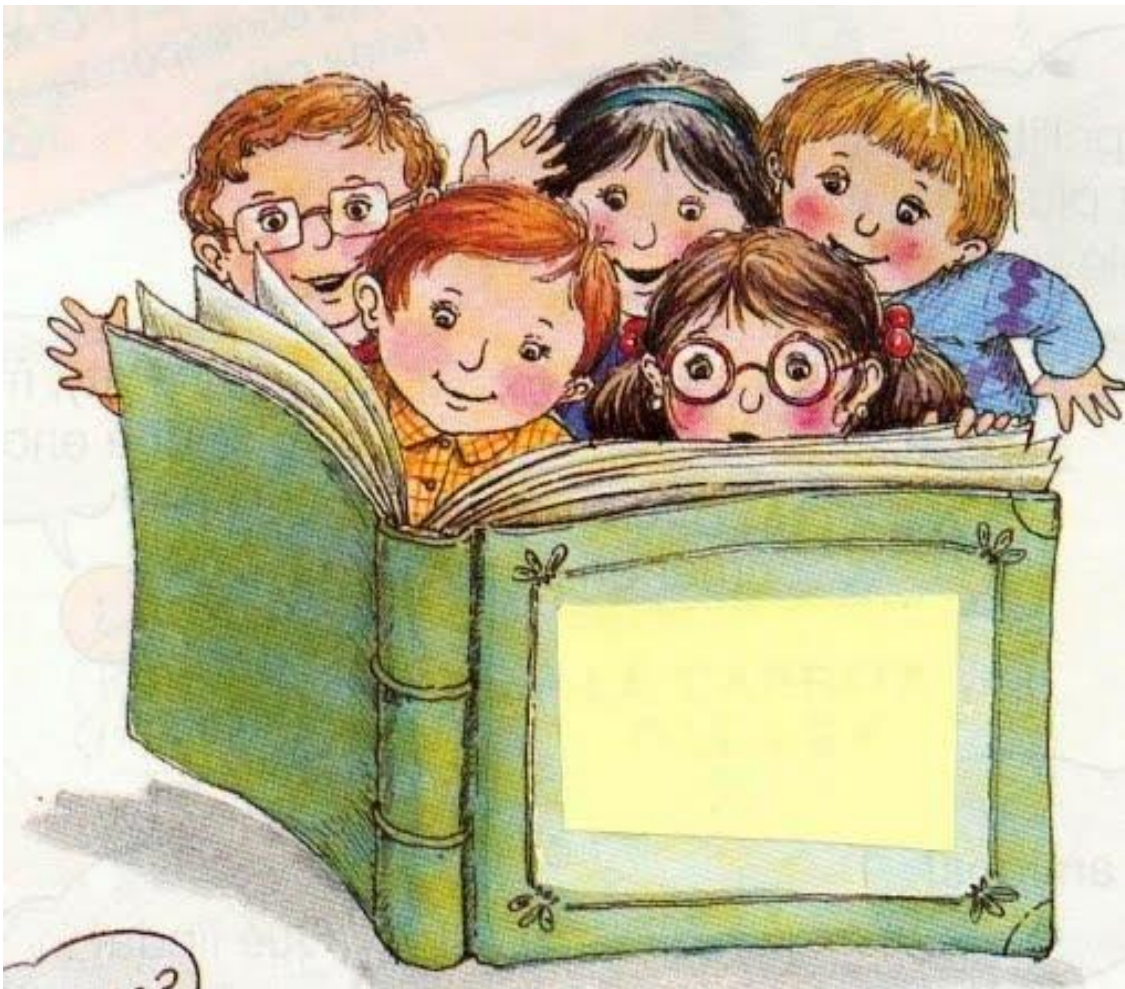
Escola: _____

Turma: _____

PROJETO: A FUNÇÃO HUMANIZADORA DA LITERATURA E OS DIREITOS HUMANOS NA SALA DE AULA

Bolsista: Milena Marães

Orientadora: Cássia Nascimento



Fonte: <http://bibliotecaarte.blogspot.com.br/2011/08/ilustracoes-e-imagens-sobre-livro.html>

TEXTO 1 CLÍNICA DE REPOUSO



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=sVAHcwkh3f8/imagem_de_fundo_do_comercial_AsilPadreCacique

Dona Candinha deparou na sala o moço no sofá de veludo e a filha servindo cálice de vinho doce com broinha de fubá mimoso.

Mãezinha, este é o João.

Mais que depressa o tipo de bigodinho foi beijar a mão da velha, que se esquivou à gentileza. O mocinho servia o terceiro cálice, Maria chamou a mãe para a cozinha, pediu-lhe que aceitasse por alguns dias.

Como pensionista?

Não, como hóspede da família. Irmão de uma amiga de infância, sem conhecer ninguém de Curitiba, não podia pagar pensão até conseguir emprego.

Dias mais tarde a velha descobriu que, primeiro, o distinto já estava empregado (colega de repartição de Maria) e, segundo, ainda que dez anos mais moço, era namorado da filha. A situação desmoralizava a velha e comprometia a menina. Dona Candinha discutiu com a filha e depois com o noivo, que achava a seu gosto a combinação.

Sou moço simples, minha senhora. Uma coxinha de frango é o que me basta. Ovo frito na manteiga.

Dona Candinha os surpreendia aos beijos no sofá. A filha saía com o rapaz, voltavam depois da meia-noite. Às três da manhã a velha acordava com passos furtivos no corredor.

Você põe esse moço na rua ou tomo uma providência.

A senhora está louca.

Maria era de maior, podia entrar a hora que bem quisesse, a velha estava caduca. Assim que a filha saiu, dona Candinha bateu na porta do hóspede, ainda de pijama azul de seda com bolinha branca:

- Moço, você ganha a vida. Tem como se manter. Trate de ir embora.

De volta das compras (delicadezas para o príncipe de bigodinho), a filha insultou dona Candinha aos gritos de velha doida, maníaca, avarenta.

Não vai dar nenhum tostão para esse pilantra. Ai, minha filha, como me arrependo do dia em que noivou.

Maria responde:

- Eu sim, me arrependo do dia em que a senhora casou.

Sentiu-se afrontada a velhota, com palpitação, tontura, pé frio. Arrastou-se quietinha para a cama, cobriu a cabeça com o lençol:

- Apague a luz! – ela gemeu – que vou morrer.

Susto tão grande que o rapaz decidiu arrumar a mala. Manhã seguinte a velha pulou cedo, alegriinha espanou os elefantes coloridos de louça. A filha não almoçou e antes de bater a porta:

O João volta ou saio de casa. A vergonha é da senhora.

Dona Candinha fez promessa para as almas do purgatório. Tão aflita, em vez de rezar dia por dia, rematou a novena numa tarde só.

- Menina, não se fie com esse moço com dente de ouro.

- Lembre-se, mãe, a senhora me despediu.

- Vá com seu noivo. Depois não se queixe, filha ingrata.

De tanto se agoniar, dona Candinha caiu de cama.

- A senhora não me ilude. Finge-se doente para me castigar. Com este calor debaixo da coberta.

- Muito fraca. Eu suou na cabeça. O pé sempre frio.

Deliciada quando a moça trazia chá com torrada. Terceiro dia, a filha inrrompe no quarto, escancara a janela. Introduz o gordo perfumado:

- O médico para a senhora.

O doutor examinou-a e, para o esgotamento nervoso, receitou cura de repouso.

- A senhora vai por bem – intimou a filha – ou então à força.

Querida o convento das freiras e não o hospital, que lhe recordava o falecido, entrevado na cadeira de rodas. Umas colheradas de canja, cochilou gostosamente. Às duas da tarde, o aposento invadido pela filha, o noivo e um enfermeiro de avental sujo.

É já que vai para a clínica.

Eu vou se não for asilo de louco. Bem longe do doutor Alô.

Um táxi esperava na porta, o noivo sentou-se ao lado do motorista, ela apertada entre a filha e o enfermeiro. Quando viu, estava no Asilo Nossa Senhora da Luz, perdida com doida, epilética, alcoólatra.

Nunca entra sol no pavilhão, a umidade escorria da parede, o chão de cimento. De noite o maldito olho amarelo sempre aceso no fio manchado de mosca.

- Quem reclama – era o sistema do doutor alô – ganha choque!

Ao menor protesto ou queixume:

Olhe o choque, melindrosa! Olhe a injeção na espinha! Olhe a insulina na veia!

Um banheiro só e, depois esperar na fila, aquela imundície no chão e na parede. A louquinha auxiliava a servente que, essa, fazia de enfermeira. Intragável o feijão com arroz, dona Candinha sustentava-se a chá de mate e biscoito duro. Engolia com esforço o caldo ralo de repolho.

Vinte e dois dias depois recebeu a visita da filha, o noivo fumava na porta.

A senhora fazendo greve de fome?

Na minha casa o arroz é escorrido, o feijão lavado.

Só de braba não come.

Daí a tortura da sede. Servia-se da torneira no banheiro, não é que uma possessa vomitou na pia? Foi encher o copo, deu com tamanho horror. Embora lavada a pia, guardou a impressão e sofria a sede.

- Doidinha eu sou – disse uma das mansas – Meu lugar é aqui. Mas a senhora fazendo o quê?

Uma lunática oferecia-lhe bolacha e fruta. Mandou bilhete na sua letra caprichada, a filha só apareceu domingo seguinte.

A senhora não está boa. Nem penteia o cabelo. Não cumprimenta o doutor Alô.

Essa ingratidão não posso aceitar – e abafava o soluço no pavor do choque – Não sou maluca e sei me mandar.

- Prove!

- Com o túmulo de seu pai. Já pintado de azul.

Instalado na casa, o noivo regalava-se com ovo frito na manteiga, coxinha gorda de frango.

Quem não come – advertia a servente – vai para o choque!

Dona Candinha encheu-se de coragem e choramingou para a freira superior que não tomava sol, sofria de reumatismo, com a gritaria das furiosas que podia dormir?

Ao cruzar a enfermaria, a freira chamou uma das bobas.

- Você é nova aqui?

- Entrei ontem, sim senhora.

- Se tiver alguma queixa, fale com dona Candinha. – e batendo palmas de tanta graça. – é a palhaça do circo.

A servente largava o balde e o enxergão, sem lavar as mãos aplicava insulina na veia de uma possessa. Dona Candinha fingia tossir e cuspiu a pílula escondida no buraco do dente.

Chorando de manhã ao se lembrar do tempo feliz com o finado. À noite chorava outra vez: menina tão amorosa, hoje feroz inimiga. Não doía ter sido internada. – culpa sua não sair da cama – Mas sabendo o que sofreria se a moça não a tirasse dali.

Minha própria filha? Estalou baixinho a língua ressequida. – que não me acudiu na maior precisão? Surpreendida rondando o portão, confiscaram-lhe a roupa, agora em camisola imunda e chinelo de pelúcia. Sem se aquecer ao sol, sobrevivendo aos golinhos de chá frio e bolacha Maria. Tão fraca nem podia ler, as letras embaralhadas mesmo de óculo.

- Olhe essa mulher, doutor – era a filha, vestido preto de cetim, lábio de púrpura, pulseira prateada. – domingo de sol, uma pessoa deitada? O dia inteiro chorando e se queixando. Aqui não falta nada, que mais ela quer?

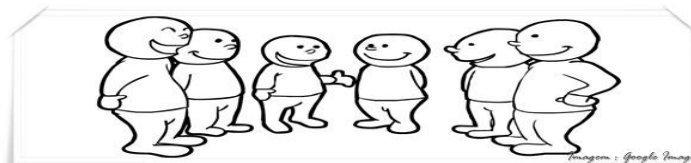
- Vá-se embora! – respondeu docemente a velha. Desapareça de minha vista. Você mais o dente de ouro.

- De dia o rádio ligado a todo volume. À noite, a gritaria furiosa das lunáticas. Sentadinha na cama distraía-se a velha a espiar uma nesga de céu. Com paciência, amansa uma mosca nas grades, que vem comer na sua mão arrepiada de cócegas. Há três dias, afeiçoada à velhinha, não foge a mosca por entre as grades da janela...

Dalton Trevisan

BATE-PAPO!

Fonte: <http://www.vidarealdasam.com.br/2012/09/os-donos-da-verdade.html>



- 1) Para você mentir ou esconder alguma situação para os pais, como fez a filha de Dona Candinha, seria certo ou errado. Por quê?
- 2) O relacionamento entre a filha e a mãe no texto é o relacionamento ideal que os filhos (as) devem ter com os pais? Por quê?
- 3) O que você achou da atitude da filha de dona Candinha? Por quê?

- 4) O relacionamento que é lido no texto entre mãe, filha e genro acontece na vida real?
- 5) Como deveria ser o relacionamento entre os membros da família?

TEXTO 2
UMA VELA PARA DARIO



Fonte: <http://fanzineria.blogspot.com.br/2013/05/uma-vela-para-dario.html>

Dario vem apressado, guarda-chuva no braço esquerdo. Assim que dobra a esquina, diminui o passo até parar, encosta-se a uma parede. Por ela escorrega, senta-se na calçada, ainda úmida de chuva. Descansa na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes à sua volta indagam se não está bem. Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta. O senhor gordo, de branco, diz que deve sofrer de ataque.

Ele reclina-se mais um pouco, estendido na calçada, e o cachimbo apagou. O rapaz de bigode pede aos outros que se afastem e o deixem respirar. Abre-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe tiram os sapatos, Dario rouqueja feio, bolhas de espuma surgem no canto da boca.

Cada pessoa que chega ergue-se na ponta dos pés, não o pode ver. Os moradores da rua conversam de uma porta a outra, as crianças de pijama acodem à janela. O senhor gordo repete que Dario sentou-se na calçada, soprando a fumaça do cachimbo, encostava o guarda-chuva na parede. Mas já não se vê guarda-chuva ou cachimbo a seu lado.

A velhinha de cabeça grisalha grita que ele está morrendo. Um grupo o arrasta para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protesta o motorista: quem pagará a corrida? Concordam chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede - não tem os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

Alguém informa da farmácia na outra rua. Não carregam Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito peso. É largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobrem o rosto, sem que façam um gesto para espantá-las.

Ocupado o café próximo pelas pessoas que apreciam o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozam as delícias da noite. Dario em sossego e torto no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.

Um terceiro sugere que examinem os papéis, retirados com vários objetos de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficam sabendo do nome, idade, sinal de nascença. O endereço na carteira é de outra cidade.

Registra-se correria de uns duzentos curiosos que, a essa hora, ocupam toda a rua e as calçadas: é a polícia. O carro negro investe a multidão. Várias pessoas tropeçam no corpo de Dario, pisoteado dezessete vezes.

O guarda aproxima-se do cadáver, não pode identificá-lo, os bolsos vazios. Resta na mão esquerda a aliança de ouro, que ele próprio - quando vivo - só destacava molhando no sabonete. A polícia decide chamar o rabeção.

A última boca repete - *Ele morreu, ele morreu*. A gente começa a se dispersar. Dario levou duas horas para morrer, ninguém acreditava que estivesse no fim. Agora, aos que alcançam vê-lo, todo o ar de um defunto.

Um senhor piedoso dobra o paletó de Dario para lhe apoiar a cabeça. Cruza as mãos no peito. Não consegue fechar olho nem boca, onde a espuma sumiu. Apenas um homem morto e a multidão se espalha, as mesas do café ficam vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.

Um menino de cor e descalço vem com uma vela, que acende ao lado do cadáver. Parece morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

Fecham-se uma a uma as janelas. Três horas depois, lá está Dario à espera do rabeção. A cabeça agora na pedra, sem o paletó. E o dedo sem a aliança. O toco de vela apaga-se às primeiras gotas da chuva, que volta a cair.



Dalton Trevisan

Dalton Jérsen Trevisan nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 14 de junho de 1925, é um escritor brasileiro.

VAMOS RESPONDER!



Fonte: <http://proffabianoqueiroz.blogspot.com.br/2012/09/tiras-da-mafalda.html>

Na charge, observamos que Mafalda indaga sua mãe para saber o porquê estamos no mundo, sua mãe responde que é para trabalhar, para nos amar e para fazer deste um mundo melhor. Ao lermos e observarmos o texto *Uma vela para Dario*, vemos que passaram duzentas pessoas por ali e não ajudaram Dario, roubaram as coisas dele e alguns só olharam o que estava acontecendo, se espalhou minutos e Dario ficou jogado no chão.

- 2) Se estamos no mundo para fazer dele um mundo melhor, por que as duzentas pessoas deixaram Dario jogado no chão, não o ajudaram? O que você diz sobre isto?

TEXTO 3 PAI CONTRA MÃE



Fonte: <http://www.fabulasecontos.com.br/?pg=descricao&id=296>

A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Assim, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem o levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente" ou "receberá uma boa gratificação". Muitas das vezes o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

Cândido Neves, em família, Candinho, é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos o feria na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que, aliás, já tomara algumas lições. Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.

Contava trinta anos. Clara vinte e dois. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam as tardes, olhavam muito para ela, ela para eles, até que a noite a

fazia recolher para a costura. O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos. Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era como lhe dizia a tia, um pescar de canção, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para andar a roda da isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a outras.

O amor traz sobrescritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi para lembrar o primeiro ofício do namorado, tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se onze meses depois, foi a mais bela festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que por inveja, tentaram arredá-la do passo que iria dar. Não negavam a gentileza do noivo, nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado em demasia a patuscadas.

- Pois ainda bem, replicava a noiva; ao menos, não caso com defunto. Não, defunto não; mas é que...

Não diziam o que era. Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles se foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam um, um só, embora viesse agravar a necessidade.

- Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha.

- Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara. Tia Mônica devia ter-lhes feito a advertência, ou ameaça, quando ele lhe foi pedir a mão da moça; mas também ela era amiga de patuscadas, e o casamento seria uma festa, como foi.

A alegria era comum aos dois. O casal ria a propósito de tudo. Os mesmos nomes eram objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam que rir, e o riso digeriu-se sem esforço.

Ela cosia agora mais, ele saía a empreitadas de uma coisa e outra; não tinha emprego certo.

Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, deixava-se estar escondido na eternidade. Um dia, porém, deu sinal de si a criança; varão ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos.

- Deus nos há de ajudar, titia, insistia a futura mãe.

A notícia correu de vizinha a vizinha. Não houve mais que espreitar a aurora do dia grande. A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. À força de pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A porção era escassa, os intervalos longos. Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

- Vocês verão a triste vida, suspirava ela.

- Mas as outras crianças não nascem também? Perguntou Clara.

- Nascem, e acham sempre alguma coisa certa que comer, ainda que pouco...

- Certa como?

- Certa como um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem gasta o tempo?

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero, mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.

- A senhora ainda não jejuou senão pela semana santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau...

- Bem sei, mas somos três. –

- Seremos quatro.

- Não é a mesma coisa.

- Que quer então que eu faça, além do que faço?

- Alguma coisa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém.

- Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste muitos se entregam logo.

Tinha glória nisto, falava da esperança como de capital seguro. Daí a pouco ria, e fazia rir à tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no batizado.

Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abrira mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de coisas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ía fugido, quem era o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ía atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os venciam sem o menor arranhão.

Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio cresceu, mais de um desempregado pegou em si e em uma corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor.

Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram a subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelos aluguéis.

Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintém. Jantava e saía outra vez, à cata de algum fugido. Já lhe sucedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo fiel que ía a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou um preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem.

- É o que lhe faltava! Exclamou a tia Mônica, ao vê-lo entrar, e depois de ouvir narrar o equívoco e suas consequências. Deixou-se disso, Candinho; procure outra vida, outro emprego.

Cândido quisera efetivamente fazer outra coisa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.

A natureza ia andando, o feto crescia até fazer-se pesado à mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mês, mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja narração dispense também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser mais amargos.

- Não, tia Mônica! Bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pai ouvi-lo. Isso nunca!

Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dois jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular...

- Enjeitar quê? Enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente.

Clara interveio.

- Titia não fala por mal, Candinho.

- Por mal? Replicou tia Mônica. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua. Enfim...

Tia Mônica terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se na alcova. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor, -- crueldade, se preferes. Clara estendeu a mão ao marido, como a amparar-lhe o ânimo; Cândido Neves fez uma careta, e chamou maluca à tia, em voz baixa. A ternura dos dois foi interrompida por alguém que batia à porta da rua.

- Quem é? Perguntou o marido.

- Sou eu. Era o dono da casa, credor de três meses de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o inquilino. Este quis que ele entrasse.

- Não é preciso...

- Faça favor.

O credor entrou e recusou sentar-se, deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os aluguéis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.

- Cinco dias ou rua! Repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo.

Candinho saiu por outro lado. Nesses lances não chegava nunca ao desespero, contava com algum empréstimo, não sabia como nem onde, mas contava. Demais, recorreu aos anúncios. Achou vários, alguns já velhos, mas em vão os buscava desde muito. Gastou algumas horas sem proveito, e tornou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou recursos; lançou mão de empenhos, foi a pessoas amigas do proprietário, não alcançando mais que a ordem de mudança.

A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua. Não contavam com a tia. Tia Mônica teve arte de alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio. Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dois, para que Cândido Neves, no desespero da crise começasse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em suma. Ouvia as queixas de Clara, sem as repetir, é certo, mas sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a casa, fá-los-ia espantar com a notícia do obséquio e iriam dormir melhor do que cuidassem.

Assim sucedeu. Postos fora da casa passaram ao aposento de favor, e dois dias depois nasceu a criança. A alegria do pai foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. "Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à Rua dos Barbons." Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda no dia seguinte.

Naquela reviu todas as suas notas de escravos fugidos. As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abriu mão do negócio; imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido. Agora, porém, a vista nova da quantia e a necessidade dela animaram Cândido Neves a fazer um grande esforço derradeiro. Saiu de manhã a ver e indagar pela Rua e Largo da Carioca, Rua do Parto e da Ajuda, onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um farmacêutico da Rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga, três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. Cândido Neves parecia falar como dono da escrava, e agradeceu cortesmente a notícia. Não foi mais feliz com outros fugidos de gratificação incerta ou barata.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação

do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbonos.

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na Rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo.

- Hei de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele. Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à Rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do Largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta.

- Mas...

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarme. No extremo da rua, quando ela ía a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona.

- Arminda! Bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

- Estou grávida, meu senhor! Exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!

- Siga! Repetiu Cândido Neves.

- Me solte!

- Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ía alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites, coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoites.

- Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? Perguntou Cândido Neves.

Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele. Também é certo que não costumava dizer grandes coisas. Foi arrastando a escrava pela Rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta, a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que devera. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

Aqui está a fujona, disse Cândido Neves.

- É ela mesma.

- Meu senhor!

- Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem urgia correr à Rua da Ajuda, foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre.

Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enfeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvindo a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lembrava do aborto.

- Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.



Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839 e morreu no Rio de Janeiro em 29 de setembro de 1908. Foi um contador e escritor brasileiro, considerado como o maior nome da literatura brasileira.

VAMOS RESPONDER!

Na Índia, um indiano de 36 anos torturou e assassinou o homem que acredita ter estuprado sua filha após convidá-la para um jantar, informou a rede CNN nesta terça-feira.

Já no conto pai contra mãe, vemos um pai que para arranjar dinheiro para dar comida ao filho, leva uma escrava grávida até o seu senhor e é espancada até abortar o bebê.

Nos dois casos, pessoas tomam atitudes por pessoas que amam.

1) Se você estivesse na situação tanto do Cândido Neves quanto do indiano. O que faria? Comente sobre este assunto.

2) Quais Direitos Humanos não estão presentes nessa obra?
